

KIJANI
investimentos

KIJANI ASATALA FIAGRO

Relatório Gerencial

Junho 2026

Foto: Stefanie Poepken

OBJETIVO

O objetivo do fundo é auferir rendimentos e/ou ganho de capital, bem como proporcionar aos Cotistas a valorização de suas Cotas por meio do investimento e, conforme o caso, desinvestimento, nos seguintes ativos: (a) debêntures, desde que se trate de emissores registrados na CVM e cujas atividades preponderantes sejam permitidas aos Fiagro- Imobiliário; (b) certificados de recebíveis do agronegócio; (c) certificados de recebíveis imobiliários lastreados em créditos imobiliários (i) oriundos de imóveis rurais; e/ou (ii) que sejam também considerados direitos creditórios do agronegócio, observados, em todos os casos, os Critérios de Elegibilidade previstos na Política de Investimentos ("Ativos-Alvo"); e (d) de maneira remanescente, por meio da aquisição, com parcela restante do patrimônio do líquido, de Ativos de Liquidez, observada a Política de Investimentos.

Gestão	Kijani Gestora de Recursos Ltda.
Administração	Banco Daycoval S.A.
Início das Atividades	03 de fevereiro de 2022
Prazo	Indeterminado
Público Alvo	Investidores em geral
Quantidade de Emissões	03
Quantidade de Cotas	68.989.017
Taxa de Administração e Gestão	1,15% sobre o PL
Taxa de Performance	10% sobre o que exceder 100% do CDI a.a.
Divulgação dos Rendimentos	Último dia útil do mês
Data Ex-Rendimentos	Último dia útil do mês
Pagamento dos Rendimentos	11º dia útil do mês subsequente

Kijani Asatala | Destaques



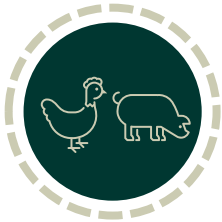
Distribuição de R$ 0,090 por cota, representando *dividend yield* de 0,92%. Em relação a cota patrimonial, tivemos um aumento de 0,73% nos últimos 12 meses.



Durante o mês, a CPR anteriormente detida contra o Produtor 6 atingiu seu vencimento. Em linha com a estratégia de reciclagem de capital da carteira, realizamos nova alocação no devedor, no valor de R$ 10 milhões.



Adquirimos posições em Copersucar e BrasilAgro, como alocações táticas da carteira. No período, também houve o pré-pagamento das operações de Tradecorp e OroAgri, além da venda parcial de R$ 500 mil da posição em Dacalda.



Na análise setorial do mês de junho, abordaremos o mercado de aves e suínos, destacando a posição de liderança do Brasil nas exportações de proteína animal, a resiliência sanitária das cadeias e a relevância desses setores para o agronegócio brasileiro, tanto no mercado doméstico quanto internacional.



Ao longo do mês, realizamos agendas em Erechim/RS, com visita à Olfar, e em Chapecó/SC, com companhias relevantes da região. Também participamos do Fórum de Preparação para Relatórios sobre Natureza no Brasil, reforçando nossa proximidade com o setor e o acompanhamento de temas estratégicos para o agronegócio.

Resumo | Junho de 2026



R$ 0,090 | dividendos distribuídos.

R$ 9,67[1] | cota patrimonial.

0,92% | dividend yield mensal.

1,82 anos | duration da carteira.

35 devedores | 21 setores do agro.

91,96% alocado | 98% em operações primárias.

[1] Cota referente ao último dia útil do mês, conforme alteração na data de divulgação dos dividendos

COMENTÁRIOS DO GESTOR

Junho reuniu quatro vetores centrais para o agronegócio brasileiro: o anúncio do novo Plano Safra, a continuidade ainda gradual do ciclo de queda de juros, a consolidação de uma safra recorde de grãos, com comportamento de preços divergente entre soja e milho, e o aumento da probabilidade de ocorrência de um El Niño de maior intensidade.

O Plano Safra 2026/27 foi anunciado com R$ 610 bilhões em recursos, dos quais R$ 525,1 bilhões destinados à agricultura empresarial. Trata-se de um volume expressivo e essencial para a continuidade do financiamento rural no país. Ainda assim, quando comparado à evolução do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP), observa-se que a demanda econômica do setor cresce em ritmo superior à expansão das linhas oficiais. Esse descompasso evidencia a importância de fontes complementares de financiamento, especialmente em um setor marcado por forte necessidade de capital de giro, sazonalidade elevada e ciclos produtivos longos.



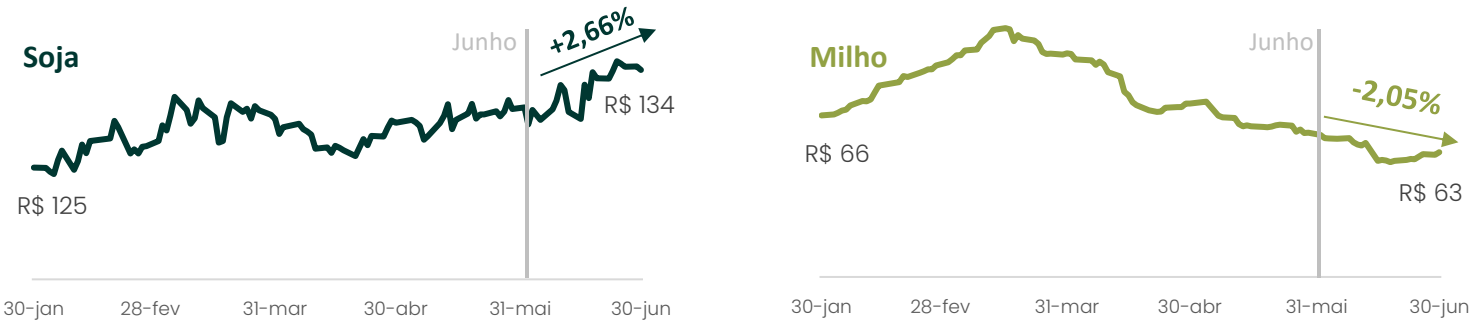
Nesse contexto, o mercado de capitais e as fontes privadas de financiamento têm exercido papel cada vez mais relevante para complementar o crédito rural tradicional, ampliando a disponibilidade de recursos para produtores, revendas, agroindústrias e demais participantes do setor. Instrumentos como CPRs, CRAs, FIAGROs e FIDCs vêm contribuindo para canalizar capital ao agronegócio, especialmente em momentos de maior seletividade bancária.

Os números recentes reforçam essa tendência. Até maio de 2026, o crédito rural empresarial contratado somou aproximadamente R$ 433 bilhões. Além disso, as emissões de CRAs somaram R$ 46 bilhões no acumulado de 2025, crescimento de aproximadamente 11% a 13% em relação ao ano anterior. A gestão entende que esse movimento representa uma evolução natural do modelo de financiamento do agro brasileiro: as linhas governamentais e subsidiadas permanecem fundamentais, mas o mercado de capitais passa a ocupar um espaço estrutural e complementar, permitindo estruturas mais customizadas ao perfil de fluxo de caixa, garantias e ciclo operacional de cada devedor.

No âmbito macroeconômico, o Copom reduziu a Selic para 14,25% ao ano e deu continuidade ao ciclo de flexibilização monetária, ainda em ritmo cauteloso. Apesar do corte, a taxa permanece em patamar restritivo e mantém elevado o custo de dívida para produtores, revendas e agroindústrias mais alavancadas. Para o Fundo, a trajetória dos juros segue relevante em duas frentes: na remuneração dos ativos indexados ao CDI e na análise de crédito dos devedores. Nesse processo, a gestão avalia fatores como nível de endividamento, necessidade de capital de giro, concentração de vencimentos no curto prazo, folga de liquidez e capacidade de geração de caixa, com atenção especial às estruturas mais sensíveis ao custo financeiro ainda elevado.

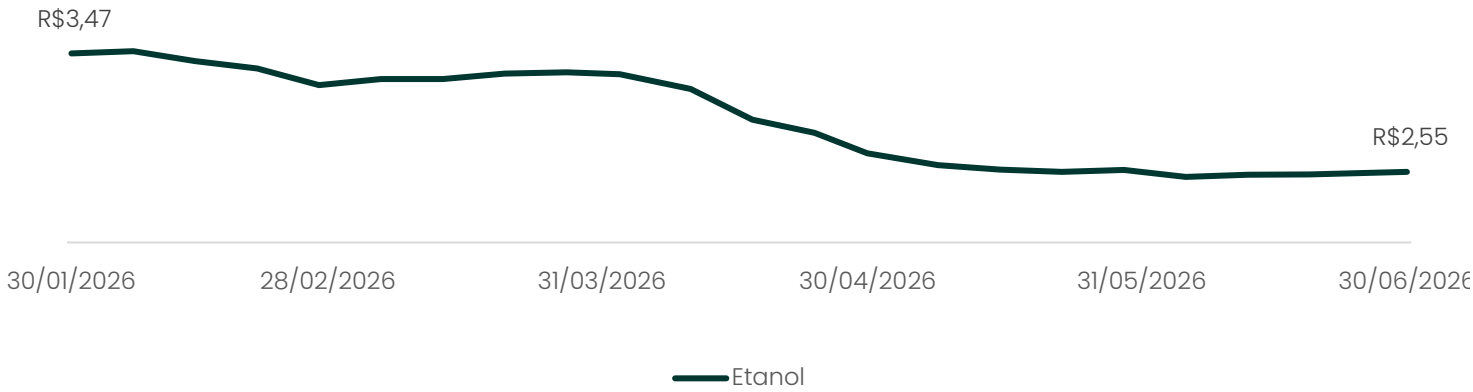
Do lado operacional, a Conab estimou a produção nacional de grãos da safra 2025/26 em 358,6 milhões de toneladas, recorde histórico. Apesar do forte volume produzido, soja e milho apresentaram comportamentos distintos no semestre. Em junho, a soja avançou, sustentada pelo ritmo forte das exportações brasileiras, enquanto o milho recuou, pressionado pelo avanço da colheita da segunda safra no Brasil.

Cotações soja e milho
Fonte: Cepea



A alta da soja e a queda do milho têm efeitos distintos sobre a carteira. No caso da soja, produtores rurais com exposição à commodity tendem a capturar margens mais favoráveis, enquanto empresas da cadeia de biodiesel, que utilizam óleo de soja como insumo, podem enfrentar maior pressão de custo. No milho, a dinâmica é inversa. Produtores de grãos passam a operar em um ambiente de margens mais apertadas, enquanto a cadeia de etanol de milho se beneficia do menor custo da matéria-prima. Ainda assim, esse ganho é limitado pela queda nos preços do etanol, que também pressiona a rentabilidade do segmento.

Cotações etanol anidro
Fonte: Cepea



Essa queda no preço do etanol durante o semestre também reduz o incentivo das usinas sucroalcooleiras a direcionar a moagem de cana para o biocombustível. A flexibilidade operacional de ajustar o mix entre açúcar e etanol, historicamente um mecanismo de proteção de margem, perde parte da sua utilidade quando o etanol perde competitividade de preço, sendo um ponto de atenção ativo da gestão nos devedores expostos ao segmento.

Outro ponto de atenção para os próximos meses é o aumento da probabilidade de ocorrência de um El Niño de maior intensidade, fenômeno que pode alterar o regime de chuvas em regiões produtoras relevantes e afetar o desenvolvimento da safra 2026/27. Seus impactos tendem a ser heterogêneos entre culturas e regiões, podendo influenciar janelas de plantio, produtividade, custos logísticos, necessidade de replantio e dinâmica de preços das commodities agrícolas. Embora ainda não seja possível mensurar com precisão seus efeitos, a Gestão acompanhará a evolução dos indicadores climáticos com maior atenção, incorporando esse fator no monitoramento dos devedores, nas análises de crédito e na avaliação de novas oportunidades de alocação.

No que diz respeito às atualizações do portfólio, em 26 de junho divulgamos o Comunicado ao Mercado sobre novos desdobramentos envolvendo a Zootec e o Grupo Raça Agro. As duas operações representavam, em conjunto, 12,59% do PL do Fundo em 30/06. Conforme informado no documento, foi concedida tutela cautelar pelo prazo de 60 dias no âmbito de procedimento de mediação empresarial, com o objetivo de preservar o ambiente de negociação entre a companhia e seus credores. Seguimos acompanhando as tratativas de forma próxima e diligente, sempre com foco na preservação do capital investido, na proteção dos interesses dos cotistas e na avaliação dos potenciais impactos sobre os ativos envolvidos.

Conforme informado na página 4 deste relatório, também realizamos movimentações pontuais no portfólio ao longo do mês. A CPR anteriormente detida contra o Produtor 6 atingiu seu vencimento, e realizamos nova alocação no devedor, no valor de R$ 10 milhões. Além disso, adquirimos posições em Copersucar e BrasilAgro, como alocações táticas da carteira. No período, também houve o pré-pagamento das operações de Tradecorp e OroAgri, além da venda parcial de R$ 500 mil da posição em Dacalda. Essas movimentações refletem a gestão ativa do portfólio, combinando reciclagem de capital, realização de liquidez e busca por oportunidades aderentes ao perfil de risco-retorno do Fundo.

Diante desse cenário, seguimos com postura ativa de acompanhamento, priorizando os segmentos mais sensíveis às dinâmicas descritas ao longo da carta. A diversificação da carteira permanece central para atravessar um ciclo marcado por juros ainda elevados, preços divergentes entre commodities, margens pressionadas no etanol, maior incerteza climática e eventos específicos de crédito em acompanhamento. Mantemos disciplina na análise dos devedores e na avaliação de novas oportunidades, buscando preservar o patrimônio do Fundo e capturar movimentos favoráveis ao longo dos diferentes ciclos do agronegócio.

MOVIMENTAÇÕES DAS COMMODITIES

SOJA

Nacional: A valorização do dólar sustentou a alta dos preços da soja no mercado brasileiro, enquanto a queda das cotações do petróleo limitou ganhos mais expressivos ao longo do período. **ESALQ/BOVESPA – Paranaguá: R$ 130,12** (+ 0,96% no mês).

Internacional: Apesar do avanço da semeadura nos Estados Unidos, as incertezas climáticas nas principais regiões produtoras e a evolução do conflito no Oriente Médio mantiveram a volatilidade do mercado ao longo do mês. Ainda assim, a cotação da soja encerrou junho praticamente estável. **Spot (ZSY00): US¢ 1.16300** (+ 0,17% no mês).

MILHO

Nacional: O início da colheita do milho safrinha exerce pressão sobre os preços domésticos, refletindo a perspectiva de ampla oferta nos próximos meses. **ESALQ/BOVESPA – Paranaguá: R$ 64,91** (- 2,98% no mês).

Internacional: Além da pressão da safrinha brasileira, o avanço do plantio nos EUA também contribui para a queda dos preços. No Corn Belt, o clima favorável mantém o ritmo acelerado dos trabalhos de campo e reforça as expectativas de ampla oferta de milho. **Spot (ZCY00): US¢ 456,60** (- 2,68% no mês).

AÇÚCAR

Nacional: O mercado reagiu ao avanço da produção de açúcar no Centro-Sul do Brasil, a produção da safra 2025/26 atingiu 2,475 milhões de toneladas, alta de 55,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, o resultado foi impulsionado pelo aumento da produtividade agrícola. **Açúcar VHP : R$ 95,70** (- 5,83% no mês).

Internacional: A queda nos preços reflete sólidos fundamentos de oferta, sustentados pelo avanço da safra brasileira, pelo aumento das exportações da Tailândia, segundo maior exportador mundial da commodity e pela desvalorização do petróleo, em meio à perspectiva de arrefecimento do conflito geopolítico. **Spot (SBY00): US¢ 14,07** (- 0,42% no mês).

ETANOL

Nacional: As cotações do etanol hidratado recuaram ao longo de junho, refletindo o perfil mais alcooleiro adotado pelas usinas do Centro-Sul, principal região produtora do país, o que ampliou a oferta do biocombustível no mercado. **CEPEA/ESALQ Hidratado – São Paulo: R$ 2,23** (- 3,64% no mês).

CAFÉ

Nacional O suporte aos preços tem como principal vetor o atraso da safra brasileira. As condições climáticas adversas, marcadas por chuvas persistentes nas principais regiões produtoras, desaceleraram os trabalhos de colheita e dificultaram a secagem dos grãos, adiando a comercialização da nova produção. **ESALQ/BOVESPA Arábica: R$ 1.578,69** (+ 1,47% no mês). **ESALQ/BOVESPA Robusta: R$ 1,061,81** (+ 11,46% no mês).

Internacional: As cotações registraram alta em meio às preocupações com a qualidade dos cafés da safra brasileira. **Spot** (KCY00): **US¢ 342,21** (+ 7,02% no mês).

ALGODÃO

Nacional: No mercado brasileiro, prevaleceu o mesmo fator baixista observado no mercado internacional, baixas ainda mais expressivas foram limitadas pela valorização do dólar frente ao real e pela oferta restrita durante a entressafra e as exportações mantendo bom ritmo. **ESALQ/BOVESPA à vista: R$ 412,20** (- 3,65% no mês).

Internacional: A perspectiva de desescalada das tensões no Oriente Médio pressionou as cotações do algodão ao reduzir os preços do petróleo e, consequentemente, o custo das fibras sintéticas, concorrentes diretas da pluma. **Spot (CTY00): US¢ 70,99** (- 3,61% no mês).

Pecuária de Corte

Nacional: O primeiro semestre foi marcado por elevada volatilidade no mercado do boi gordo. As mudanças relacionadas à salvaguarda chinesa e a tentativa de ajuste da indústria frigorífica para controlar a oferta diante da redução temporária das compras da China provocaram oscilações nas cotações, que encerraram junho pressionadas. **Indicador Datagro – São Paulo: R$ 336,87** (- 3,59% no mês).

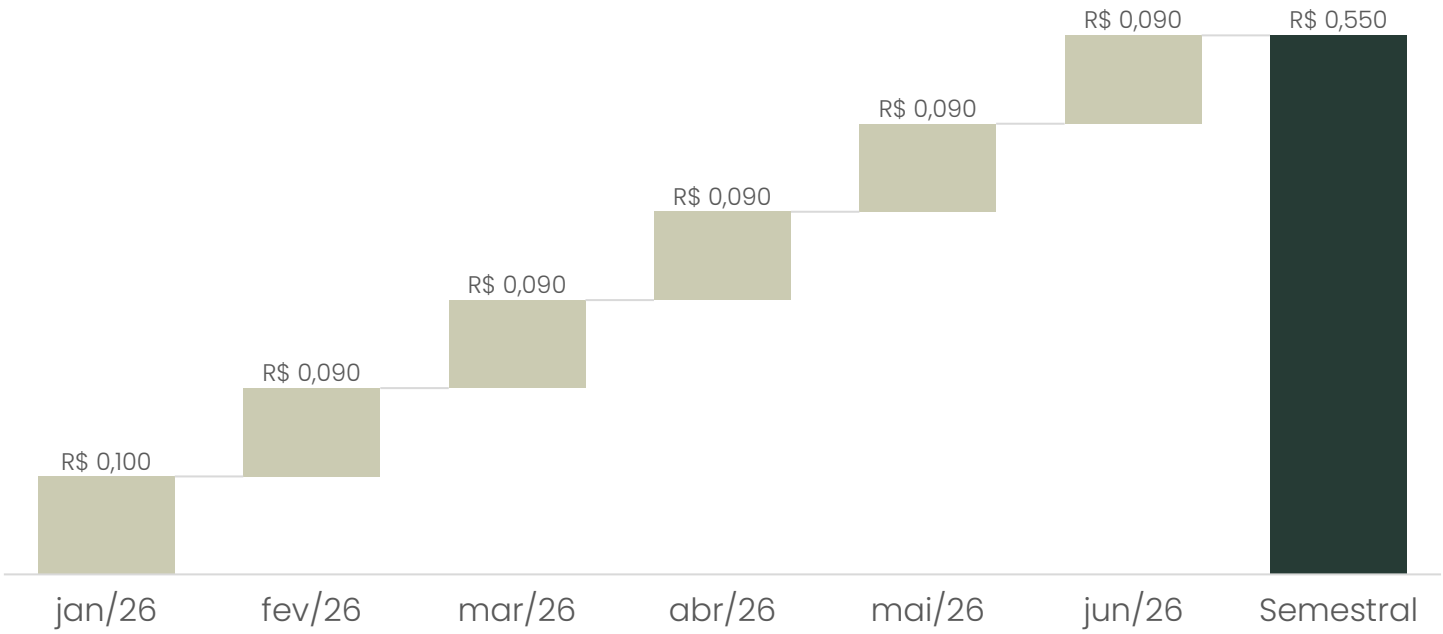
Aves

Nacional: Após registrarem altas nos meses anteriores, os preços da carne de frango recuaram em junho, refletindo uma demanda menos aquecida em comparação aos meses anteriores. **CEPEA/ESALQ Congelado – São Paulo: R$ 7,26** (- 3,27% no mês).

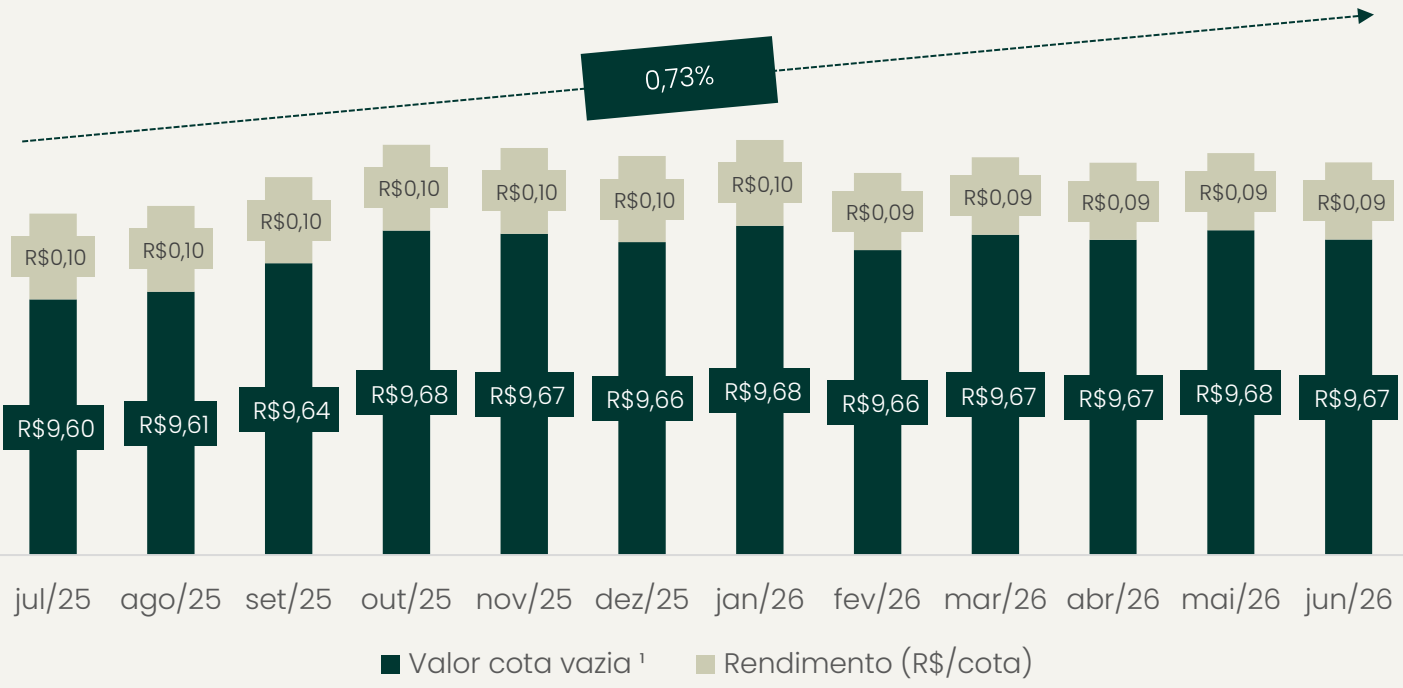
Suínos

Nacional: Os preços do suíno registraram movimentos distintos entre as praças em junho. Em Minas Gerais, a menor disponibilidade de animais no mercado independente levou frigoríficos a elevar as ofertas para completar as escalas de abate, impulsionando as cotações. Em São Paulo, a oferta permaneceu suficiente diante de uma demanda ainda enfraquecida, sem pressionar os frigoríficos a disputar animais. **CEPEA/ESALQ – São Paulo: R$ 5,28** (- 0,37% no mês). **CEPEA/ESALQ – Minas Gerais: R$ 5,87** (+ 4,44% no mês).

HISTÓRICO DE RENDIMENTOS



VARIAÇÃO DO PL (R$ mm)



[1] Em fevereiro de 2026, a data de divulgação dos dividendos foi alterada, de modo que a cota apresentada passou a corresponder ao primeiro dia útil do mês. Nos meses anteriores, a referência era o quinto dia útil, o que torna as bases não diretamente comparáveis

RENTABILIDADE

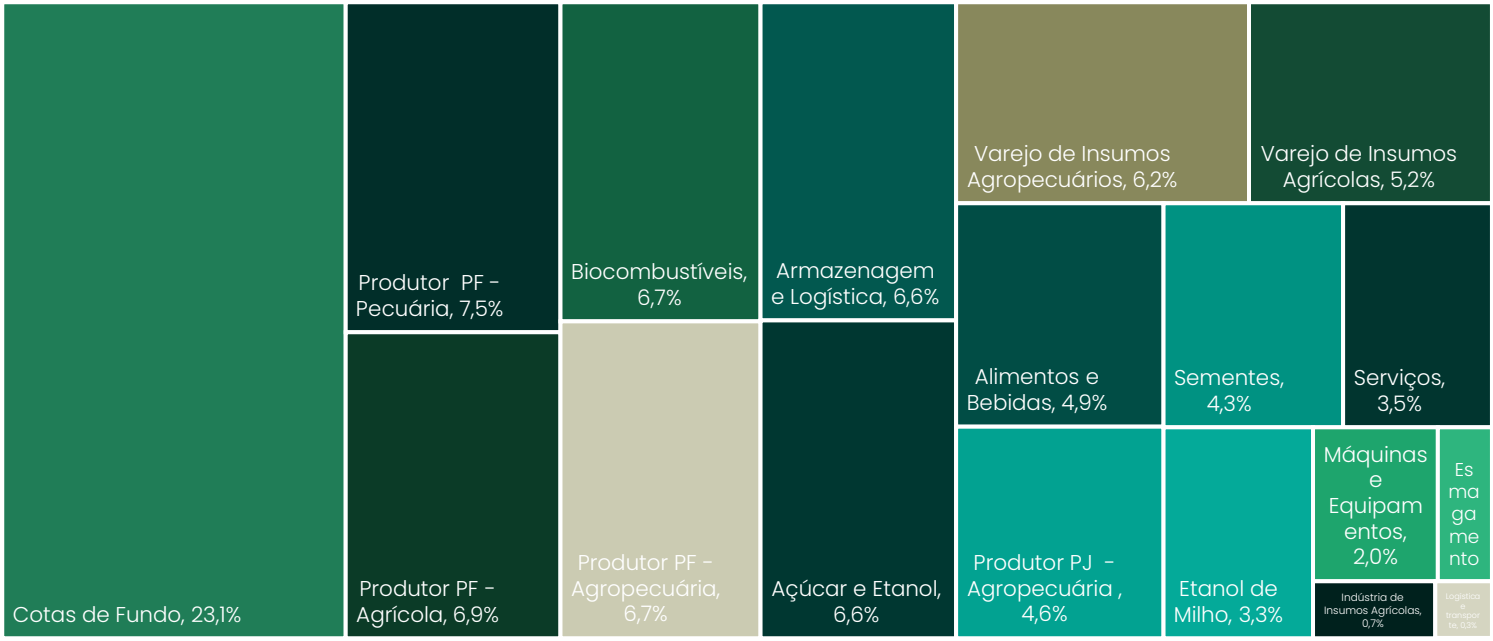
	abr/26	mai/26	jun/26	Acumulado Semestre
Número de cotas	68.989.017	68.989.017	68.989.017	-
Valor Cota Oferta	10,00	10,00	10,00	-
Valor Cota Contábil[1]	9,67	9,68	9,67	-
Dividend yield	0,92%	0,92%	0,92%	5,64%
%CDI	84,62%	85,83%	82,39%	81,77%
Gross-up %CDI[2]	99,55%	100,98%	96,93%	97,03%

DEMONSTRATIVO DE RESULTADO

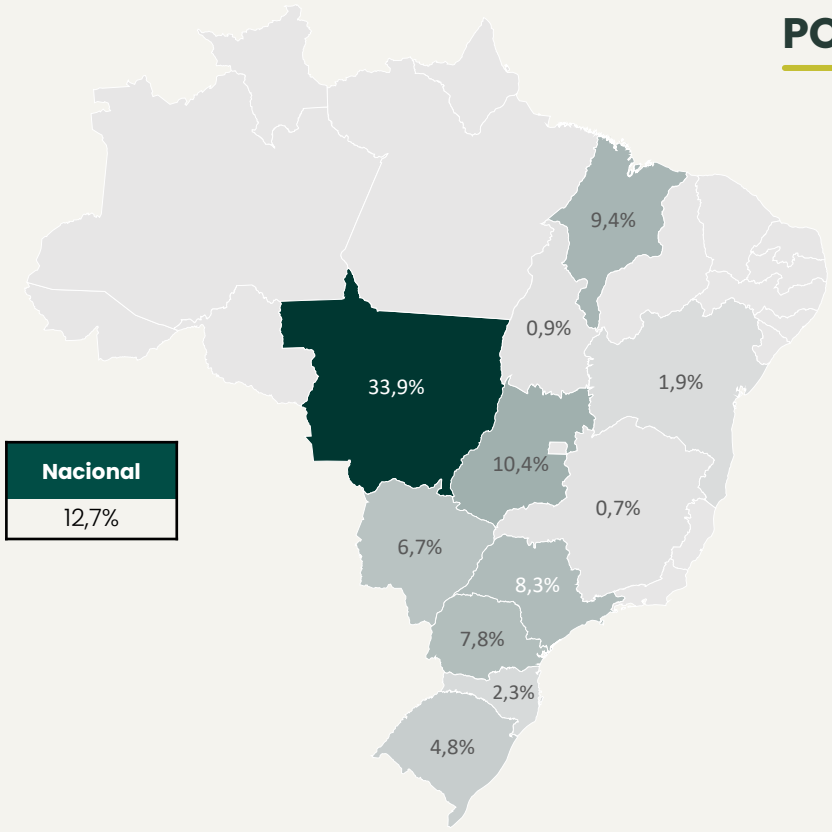
Resultado (R$ mil)	abr/26	mai/26	jun/26	Acumulado ano	Acumulado histórico
Total Receitas	**6.420,13**	**7.667,10**	**6.148,17**	**43.753,12**	**347.862,01**
Receitas ativos	6.420,13	7.667,10	6.148,17	43.753,12	386.113,01
Provisionamento	-	-	-	-	-38.251,00
Total Despesas operacionais	**-677,73**	**-679,09**	**-682,61**	**-4.024,48**	**-36.679,61**
Resultado líq. do Fundo	5.742,39	6.988,01	5.465,56	39.728,65	311.182,39
Total distribuído	6.209,01	6.209,01	6.209,01	37.943,96	305.507,27
Rendimento distribuído/cota	**0,090**	**0,090**	**0,090**	**0,550**	**5,135**
Resultado por cota	0,0832	0,1013	0,0792	0,5759	5,3072

[1] Cota referente ao último dia útil do mês, conforme alteração na data de divulgação dos dividendos
[2] Gross-up CDI considera alíquota de 15%

DISTRIBUIÇÃO POR SEGMENTO

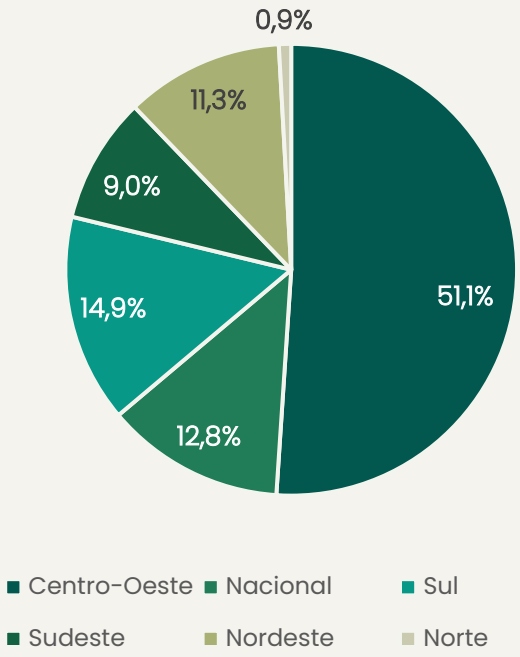


DISTRIBUIÇÃO POR GEOGRAFIA



Nacional
12,7%

DISTRIBUIÇÃO POR REGIÃO

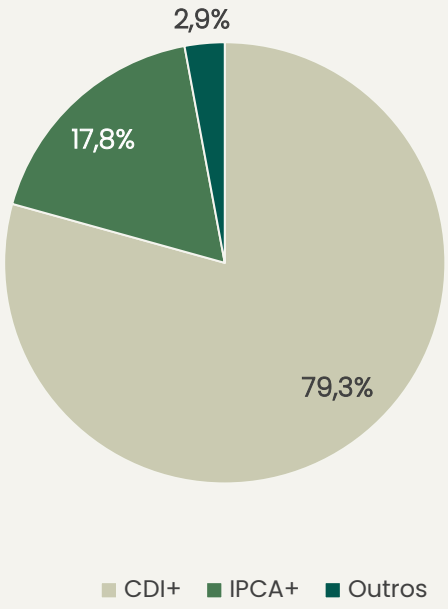


YIELD MÉDIO DA CARTEIRA

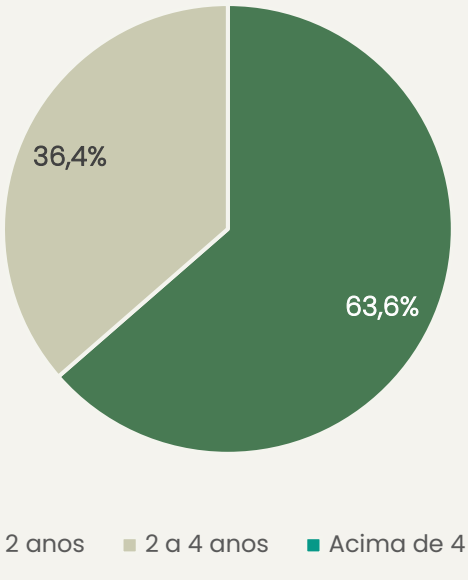
CDI + 3,80%
Para a carteira indexada em CDI

IPCA + 8,90%
Para a carteira indexada em IPCA

DISTRIBUIÇÃO POR INDEXADOR



DISTRIBUIÇÃO POR *DURATION*



COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Ativos Alvo

Instrumento	Devedor	Segmento	Região	Volume	Indexador	Taxa efetiva	Duration (anos)	% da carteira
Cotas Fundo de Investimento	Kijani Log	Cotas de Fundo	MT	48.707.582	IPCA+	9,30%	-	7,30%
Cotas Fundo de Investimento	Fiagro Terras	Cotas de Fundo	MA	47.904.206	CDI+	2,50%	-	7,18%
CRA	Produtor 4	Produtor PF - Pecuária	MT	45.845.689	CDI+	2,25%	-	6,87%
CRA	Produtor 3	Produtor PF - Agropecuária	MS	41.030.028	CDI+	4,50%	2,0	6,15%
CRI	Alvorada	Armazenagem e Logística	MT	40.285.528	CDI+	4,00%	1,8	6,04%
CRA	Zootec	Varejo de Insumos Agropecuários	MT	38.099.419	CDI+	2,25%	-	5,71%
CRA	Uniggel	Sementes	GO	26.075.856	CDI+	4,61%	-	3,91%
CRA	Gênesis	Serviços	PR	21.554.774	CDI+	6,00%	0,9	3,23%
CRA	Produtor 1 (2)	Produtor PF - Agrícola	GO	18.000.260	CDI+	2,50%	2,5	2,70%
CRA	Bartira	Produtor PJ - Agropecuária	SP	16.954.690	IPCA+	7,09%	2,8	2,54%
CRA	Olfar	Biocombustíveis	RS	16.341.330	IPCA+	8,97%	2,0	2,45%
Cotas Fundo de investimento	FIDC MAV III	Cotas de Fundo	Nacional	15.200.000	CDI+	2,50%	-	2,28%
CPR	Dacalda II	Açúcar e Etanol	PR	14.691.511	CDI+	5,50%	2,2	2,20%
CRI	Água da serra	Alimentos e Bebidas	SC	14.140.046	CDI+	6,00%	0,8	2,12%
CRA	Agrogalaxy 1	Varejo de insumos agrícolas	Nacional	13.867.085	CDI+	5,29%	-	2,08%
CRA	Olfar	Biocombustíveis	RS	12.906.100	CDI+	3,00%	1,3	1,94%
CRA	Holcasher	Alimentos e Bebidas	SP	12.873.797	CDI+	5,25%	-	1,93%
CRA	Binatural	Biocombustíveis	GO	12.122.942	CDI+	4,65%	0,9	1,82%
CRA	FS Bio	Etanol de Milho	MT	11.921.722	CDI+	2,90%	2,6	1,79%
CRA	Agrogalaxy 3	Varejo de insumos agrícolas	Nacional	11.690.640	CDI+	4,25%	-	1,75%
CRA	Produtor 2	Produtor PF - Agrícola	BA	11.520.231	CDI+	8,00%	1,0	1,73%
CRA	Alcoeste II	Açúcar e Etanol	SP	10.256.246	CDI+	4,30%	1,2	1,54%
CRA	Produtor 5	Produtor PF - Agrícola	MT	10.037.515	CDI+	2,50%	0,4	1,50%
CPR	Produtor 6	Produtor PJ - Agropecuária	MA	10.000.040	CDI+	2,50%	1,6	1,50%
CRA	Dacalda	Açúcar e Etanol	PR	8.896.650	CDI+	4,25%	1,1	1,33%

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Instrumento	Devedor	Segmento	Região	Volume	Indexador	Taxa efetiva	Duration (anos)	% da carteira
Ativos Alvo								
CRA	FS Bio	Etanol de Milho	MT	8.487.974	IPCA+	8,96%	2,9	1,27%
CRI	Maqcampo	Máquinas e Equipamentos	GO	7.760.048	IPCA+	8,67%	2,1	1,16%
Cotas Fundo de investimento	FIDC AgroJive (meza A)	Cotas de Fundo	Nacional	6.655.687	PRE	27,50%	-	1,00%
FIDC	Kijani Desenvolve SP (sub)	Cotas de Fundo	Nacional	6.479.954	Excesso de spread	-	-	0,97%
FIDC	Kijani Desenvolve SP (meza)	Cotas de Fundo	Nacional	6.345.426	CDI+	4,00%	-	0,95%
CRA	Agrogalaxy 2	Varejo de insumos agrícolas	Nacional	6.047.041	CDI+	4,25%	-	0,91%
CRA	Fazendão	Esmagamento	TO	5.377.183	IPCA+	8,95%	2,1	0,81%
Cotas Fundo de investimento	FIDC Exag	Cotas de Fundo	Nacional	5.347.011	CDI+	3,50%	-	0,80%
CRI	Suprema	Máquinas e Equipamentos	MT	4.723.483	CDI+	4,00%	1,7	0,71%
CRA	Ubyfol	Indústria de Insumos Agrícolas	MG	4.503.036	CDI+	4,00%	1,9	0,68%
CRA	Copersucar	Açúcar e Etanol	SP	3.901.592	IPCA+	10,49%	1,3	0,58%
CPR	Produtor 1 (1)	Produtor PF - Agrícola	PR	2.948.060	CDI+	4,00%	0,2	0,44%
Imóvel Holcasher	Imóvel Holcasher	Alimentos e Bebidas	SP	2.943.102	-	-	-	0,44%
Cotas Fundo de investimento	FIDC Insumos (sênior)	Cotas de Fundo	Nacional	2.000.000	CDI+	4,25%	-	0,30%
CRA	Alcoeste III	Açúcar e Etanol	SP	1.975.774	CDI+	4,50%	2,2	0,30%
Cotas Fundo de investimento	FIDC AgroJive (meza B)	Cotas de Fundo	Nacional	1.867.079	Excesso de spread	-	-	0,28%
CRA	BrasilAgro	Produtor PJ - Agropecuária	SP	1.436.974	IPCA+	12,09%	1,2	0,22%
CRA	Vamos I	Logística e transporte	Nacional	1.119.479	CDI+	3,59%	3,5	0,17%
Cotas Fundo de investimento	FIDC Insumos (meza)	Cotas de Fundo	Nacional	1.000.000	CDI+	6,50%	-	0,15%
CRA	Vamos II	Logística e transporte	Nacional	948.216	CDI+	3,45%	1,4	0,14%
CRA	Batatais	Açúcar e Etanol	SP	297.113	CDI+	1,99%	1,6	0,04%
CRA	Batatais II	Açúcar e Etanol	SP	204.444	CDI+	2,74%	1,7	0,03%
CRA	Paranatex	Indústria Têxtil	PR	6.119	CDI+	4,49%	0,6	0,00%
Caixa								
Fundo de Liquidez		-	-	54.494.236	% CDI	100% (-IR)	-	8,17%

Análise setorial | Aves e suínos

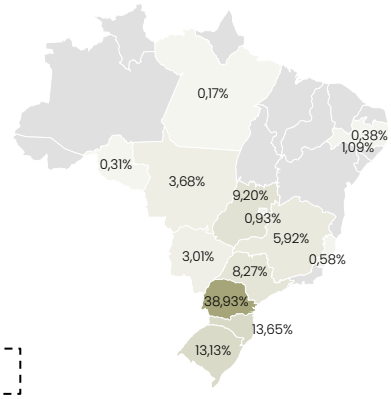
O Brasil consolidou, ao longo das últimas duas décadas, uma posição de liderança global na produção e exportação de carne de frango, além de um protagonismo crescente na cadeia suína. Esse desempenho é sustentado por um modelo produtivo verticalmente integrado, custos competitivos de alimentação animal e um elevado padrão sanitário em relação aos principais concorrentes internacionais.

Esse diferencial sanitário foi colocado à prova em duas ocasiões em pouco mais de um ano. Em julho de 2024, após 18 anos sem registros, o Brasil confirmou um foco de Doença de Newcastle em Anta Gorda (RS), levando à declaração de emergência zoossanitária por 90 dias e à suspensão preventiva das exportações para 44 países. Em maio de 2025, foi registrado, em Montenegro (RS), o primeiro foco de influenza aviária de alta patogenicidade em plantel comercial, resultando na interrupção temporária das exportações para mercados relevantes, como China e União Europeia. Em ambos os episódios, no entanto, a resposta sanitária foi rápida e eficaz: no caso da influenza aviária, o país cumpriu o vazio sanitário de 28 dias exigido internacionalmente e, em 26 de junho de 2025, recuperou, junto à OMSA, o status de livre da doença, permitindo que dezessete países retomassem as importações nos dias seguintes. Soma-se a isso o fato de o Brasil permanecer livre da peste suína africana desde 1984, sem qualquer foco registrado.

Justamente por essa capacidade de resposta, os episódios sanitários não trouxeram impactos relevantes sobre a produção nacional em 2025, que atingiu volumes recordes nas duas cadeias: 15,289 milhões de toneladas de carne de frango, crescimento de 2,2% em relação a 2024, e 5,592 milhões de toneladas de carne suína, alta de 4,6%. No ano, foram abatidos 5,706 bilhões de frangos e 48,5 milhões de suínos.

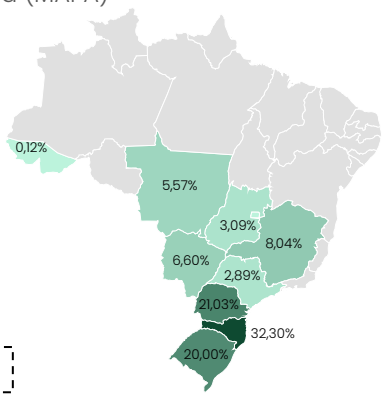
Esses volumes recordes, contudo, permanecem fortemente concentrados na região Sul. Na avicultura, o Paraná lidera com 38,45% da produção nacional de carne de frango, seguido por Santa Catarina e Rio Grande do Sul; juntos, os três estados responderam por mais de 75% das exportações brasileiras do produto em 2025. Na suinocultura, Santa Catarina concentra cerca de 29% da produção nacional e mais de 50% das exportações de carne suína, refletindo a elevada escala de seu parque frigorífico e seu reconhecimento sanitário internacional. O estado é, aliás, o único do Brasil reconhecido internacionalmente, desde 2007, como livre de febre aftosa sem vacinação, condição que amplia o acesso a mercados de maior exigência sanitária.

Abate de frango por UF em 2025



Total: 5,706 bi

Abate de suínos por UF em 2025



Total: 48,5 MM

Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA)

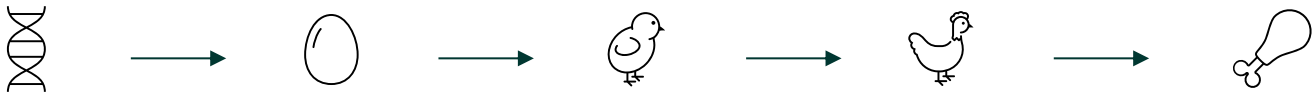
Essa concentração produtiva se reflete também na posição do país no comércio internacional, cuja estrutura competitiva apresenta uma característica comum às duas cadeias: os maiores produtores não necessariamente ocupam as primeiras posições nas exportações mundiais. Em carne de frango, os Estados Unidos lideram a produção mundial, com 21,8 milhões de toneladas em 2025, seguidos por China e Brasil, enquanto União Europeia e Rússia completam o grupo dos cinco maiores produtores. Apesar de ocupar a terceira posição em produção, o Brasil é o maior exportador mundial da proteína. Na cadeia

suína, esse padrão se repete de forma ainda mais acentuada: a China concentra sozinha cerca de 49% da produção mundial, equivalente a 57,2 milhões de toneladas, reflexo da importância da proteína na dieta da população e do elevado consumo interno do país. Ainda assim, o gigante asiático não figura entre os principais exportadores mundiais, mercado liderado pela União Europeia, Brasil, Estados Unidos, Canadá e Chile.

Além das exportações de carnes destinadas ao consumo, o Brasil também exporta material genético avícola, principalmente ovos férteis e pintos de um dia (day-old chicks), segmento que gerou US$ 221,1 milhões em receita cambial em 2025. O pinto de um dia corresponde ao filhote recém-eclodido, transportado diretamente do incubatório aos produtores para criação de frangos de corte ou reposição de plantéis. Embora possua maior valor agregado, sua participação nas exportações é reduzida em razão das exigências logísticas de transporte, que demandam rigoroso controle de temperatura, umidade e tempo de entrega. Por essa razão, os ovos férteis, mais simples e econômicos de transportar, respondem pela maior parte das exportações brasileiras desse segmento

Apesar da relevância do comércio internacional para ambas as cadeias, sua dinâmica econômica é determinada principalmente pelas características do ciclo produtivo, da estrutura de custos e do comportamento da demanda nacional.

Ciclo produtivo – avicultura de corte



Seleção genética
Seleção genética e produção de ovos férteis.

Incubação (21 dias)
Incubação dos ovos férteis oriundos das matrizes; nascimento do pinto de 1 dia.

Criação (~19 a 24 dias)
Recepção dos pintos na granja (alojamento). Alimentação à vontade, com dietas voltadas ao desenvolvimento muscular.

Terminação/Abate (aos 40 a 45 dias)
Pré-abate: fase de maior sensibilidade térmica,; jejum controlado antes do embarque.

Abate/Vazio sanitário (~15 dias)
Abate do lote produzido e limpeza e desinfecção completas do galpão (medida de biosseguridade entre lotes).

Ciclo produtivo – suínos



Seleção de matrizes/Gestação (114 dias)
Após a cobertura (natural ou inseminação artificial), a gestação dura ~114 dias.

Maternidade (21 a 28 dias)
Os leitões permanecem com a matriz até o desmame, com peso próximo de 8 kg.

Preparação (até ~63 dias)
Fase pós-desmame até os animais atingirem peso próximo a 20 kg, com dieta de alta digestibilidade.

Terminação/Abate (150 a 180 dias)
Fase final até os animais atingirem o peso de abate, geralmente entre 100 e 120 kg.

A avicultura e a suinocultura brasileiras são caracterizadas por um elevado grau de integração e verticalização da cadeia produtiva. Nesse modelo, cooperativas e empresas integradoras fornecem pintinhos ou leitões, ração, insumos, medicamentos, assistência técnica e suporte sanitário, enquanto o produtor integrado é responsável pela criação e engorda dos animais em granjas próprias, sendo remunerado conforme contratos previamente estabelecidos. Na suinocultura, há ainda maior especialização entre os cooperados, com produtores dedicados à produção de leitões (UPLs), à terminação dos animais ou ao fornecimento de grãos para fabricação de ração. Ao final da cadeia, as cooperativas concentram as etapas de abate, processamento e comercialização, garantindo maior coordenação, eficiência operacional e competitividade ao setor. Essa estrutura produtiva se reflete na dinâmica de oferta das duas cadeias.

Nesse contexto, enquanto a pecuária bovina demanda entre três e cinco anos da cria ao abate, frangos são produzidos em pouco mais de seis semanas e suínos em aproximadamente cinco a seis meses. Em contrapartida, a capacidade de retenção da oferta é significativamente menor. Diferentemente da bovinocultura, em que a retenção de matrizes permite administrar o ciclo produtivo, avicultores e

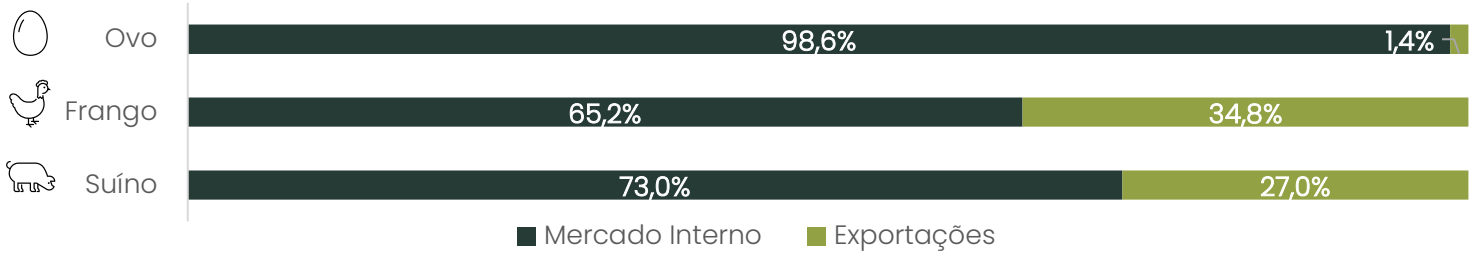
suinocultores ajustam rapidamente o alojamento de novos lotes conforme as condições de mercado. Essa característica explica tanto a elevada capacidade de resposta da oferta a choques quanto a natureza dos riscos econômicos do setor.

Pelo lado da demanda, as carnes de frango e suína apresentam elevada elasticidade-preço cruzada em relação à carne bovina. Em períodos de valorização da arroba, como observado em 2025 e 2026 durante a fase de retenção do ciclo pecuário, parte do consumo tende a migrar para proteínas de menor custo, favorecendo ambas as cadeias. Embora as exportações tenham papel relevante, a maior parcela da produção nacional permanece direcionada ao mercado interno, conferindo maior resiliência à demanda. Em 2025, o consumo per capita alcançou 46,7 kg de carne de frango e 19,1 kg de carne suína, ambos em trajetória de crescimento, refletindo, entre outros fatores, a maior aceitação da carne suína pelo consumidor brasileiro.

Esse padrão de consumo também se estende à cadeia de ovos. Em 2025, o consumo per capita alcançou 288 unidades por habitante, refletindo a consolidação do ovo como fonte de proteína de alto valor nutricional e baixo custo.

Destino da Produção de Ovos, Frango e Suínos em 2025

Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA)



Embora menos pronunciada do que nas culturas agrícolas, a sazonalidade também influencia a demanda. Datas comemorativas, como Páscoa, Natal e Ano Novo, elevam pontualmente o consumo de determinados produtos, movimento antecipado pela indústria por meio do planejamento da produção e do abate.

Para a indústria alimentícia, o principal produto da cadeia avícola é a carne de frango in natura (inteira, em cortes e miúdos), complementada por produtos industrializados, como empanados, embutidos e pratos prontos, além da produção de ovos. Na suinocultura, o principal produto é a carne suína in natura e seus cortes, com destaque para os industrializados, como presuntos, bacon, linguiças e demais embutidos, segmento tradicionalmente de maior valor agregado da cadeia de proteína animal no Brasil.

Ambas as cadeias apresentam elevado aproveitamento dos subprodutos, ampliando a geração de valor ao longo da cadeia produtiva. Na avicultura, penas e sangue são transformados em farinhas destinadas à nutrição animal. Na suinocultura, o aproveitamento é ainda mais abrangente: couro, gordura, ossos, sangue, intestinos e cartilagens abastecem as indústrias alimentícia, cosmética, de biodiesel, fertilizantes, pet food e envoltórios para embutidos.

Além do elevado aproveitamento dos subprodutos, a suinocultura vem ampliando sua integração com a economia circular. Os dejetos, historicamente considerados um passivo ambiental, são cada vez mais destinados à produção de biogás e biofertilizantes, reduzindo custos energéticos, mitigando impactos ambientais e criando fontes adicionais de receita para produtores e indústrias.

Na visão da Kijani, a avicultura de corte e a suinocultura reúnem fundamentos estruturais sólidos: liderança brasileira nas exportações de carne de frango, crescente protagonismo na cadeia suína, demanda doméstica resiliente, elevada verticalização das operações e aproveitamento eficiente de subprodutos. Em conjunto, esses fatores conferem elevada competitividade às cadeias e reforçam sua relevância econômica, produtiva e estratégica para o agronegócio brasileiro.

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

Bartira	Setor	Descrição da companhia
	Produtor PJ – Agropecuária	O grupo Fazendas Bartira atua no Brasil desde 1982, focando-se na agricultura, pecuária e arrendamento de terras, com operação em SP, MT, MS e TO. Desde 2021, integram o grupo sucroenergético Cocal, com rating brAA+ pela S&P.

Olfar	Setor	Descrição da companhia
	Biocombustíveis	Fundada em 1988 e sediada em Erechim-RS, a empresa atua no setor de beneficiamento de soja, comercialização de grãos, extração de óleos vegetais e produção de biodiesel.

Maqcampo/Gaps	Setor	Descrição da companhia
	Máquinas e Equipamentos	O grupo Maqcampo, fundado em 1997, é uma concessionária de referência em máquinas agrícolas, representando a John Deere no Distrito Federal, Goiás e Minas Gerais. O grupo também inclui a GAPS Agro, que atua na produção de soja, milho e pecuária.

FS Bio	Setor	Descrição da companhia
	Etanol de Milho	Fundada em 2015, a FS Bio possui sede em São Paulo e unidades em Lucas do Rio Verde, Sorriso e Primavera do Leste-MT. Seu modelo de negócio é voltado a comercialização de produtos derivados do milho, como o etanol, produtos de nutrição animal e o óleo de milho.

Fazendão	Setor	Descrição da companhia
	Esmagamento	Fundado em 2004 em Gurupi-TO, o grupo opera de forma verticalizada, abrangendo desde a produção de soja e milho até a fabricação de óleo, farelo e soja desativada. Além disso, atua na exportação de soja in natura, oferece serviços de armazenagem e logística e comercializa insumos e defensivos agrícolas voltados ao setor.

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

Alvorada	Setor	Descrição da companhia
Agrícola ALVORADA	Armazenagem e Logística	A Agrícola Alvorada, fundada em 2002 em Primavera do Leste-MT, atua na compra e venda de grãos, defensivos e insumos. Com 19 filiais distribuídas em 10 municípios, destaca-se pela capacidade de armazenagem e comercialização. Desde 2017, conta com o apoio da Bunge em seu quadro societário, fortalecendo ainda mais sua atuação no setor.

Água da Serra	Setor	Descrição da companhia
Água da Serra	Alimentos e Bebidas	Fundada em 1943 em Braço do Norte-SC, a Água da Serra é uma empresa especializada na produção de bebidas, incluindo refrigerantes, chás, energéticos e bebidas alcoólicas.

Binatural	Setor	Descrição da companhia
BINATURAL	Biocombustíveis	Constituída em 2006 em Goiás para produzir biodiesel como seu principal produto, além de oferecer também uma linha diversificada de glicerinas, borras e ácidos graxos. Com operações expandidas, sua capacidade produtiva total alcança até 600 milhões de litros de biodiesel por ano, somando as duas unidades.

Uniggel	Setor	Descrição da companhia
Uniggel® sementes	Sementes	A Uniggel Sementes, fundada há mais de 30 anos em Chapadão do Céu-GO, atua na produção de sementes certificadas. Opera em 8 estados do Brasil e possui parcerias com Brasmax, Syngenta e Embrapa.

Fiagro Terras	Setor	Descrição da companhia
KIJANI investimentos	Cotas de fundo	Fundo de Investimento em terras agrícolas produtivas localizadas no Maranhão. O fundo é gerido pela Kijani Investimentos.

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

Oro Agri	Setor	Descrição da companhia
ORO AGRI — A ROVENSA COMPANY —	Biológicos	Fundada em 2002 na África do Sul, a Oro Agri é especializada em tecnologia de aplicação e nutrição vegetal, com patentes no uso de óleo de casca de laranja. Com sede no Brasil desde 2008, em Arapongas-PR, foi adquirida pelo Grupo ROVENSA em 2021, ampliando sua atuação global em biosoluções.

Tradecorp	Setor	Descrição da companhia
tradecorp — A ROVENSA COMPANY —	Indústria de Insumos Agrícolas	Fundada em 1985 na Espanha, a Tradecorp é especializada no desenvolvimento e produção de soluções para nutrição e bioestimulação de plantas. Desde 2000, integra o Grupo Rovensa e, desde 2002, opera no Brasil, com sede em Hortolândia-SP.

AgroGalaxy	Setor	Descrição da companhia
AGROGALAXY	Varejo de insumos Agrícolas	A AgroGalaxy é uma das principais plataformas do varejo de insumos agrícolas e serviços para o agronegócio, atua na comercialização de insumos, produção de sementes e comercialização de grãos. O grupo, formado a partir da fusão de investimentos da Aqua Capital, possui sede no Brasil e controla 8 empresas desde seu IPO em 2021.

Dacalda	Setor	Descrição da companhia
Dacalda Açúcar e Etanol	Açúcar e Etanol	Fundada em 1964 em Jacarezinho-PR, a Dacalda é uma usina de processamento de cana-de-açúcar com foco na produção de açúcar VHP e cristal, além de etanol. Possui capacidade de moagem de 1,5 milhão de toneladas de cana.

Suprema	Setor	Descrição da companhia
CASE IH SUPREMA MÁQUINAS	Máquinas e equipamentos	Fundada em 2012 em Alta Floresta-MT, a Suprema Máquinas atua no comércio de máquinas e implementos agrícolas, atendendo o extremo norte de Mato Grosso e o oeste do Pará. Com 7 unidades, a empresa cobre 30 municípios no norte e sudeste do Pará e 27 municípios no norte e noroeste do Mato Grosso.

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

Paranatex	Setor	Descrição da companhia
Paranatex TEXTIL	Indústria têxtil	Com atuação verticalizada desde 1967 nos segmentos de fiação e tecelagem, a companhia, sediada no Paraná, possui indústria e estrutura própria de comercialização, além de realizar vendas a terceiros.

Alcoeste	Setor	Descrição da companhia
ALCOESTE BIOENERGIA FERNANDÓPOLIS S/A	Açúcar e Etanol	Fundada em 1980 em Fernandópolis-SP, a companhia possui uma planta industrial com capacidade de processamento de 2,3 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. Sua linha de negócios é na produção de açúcar VHP, etanol e energia elétrica.

Holcasher	Setor	Descrição da companhia
holcasher	Alimentos e Bebidas	Fundada em 1997 e localizada em São Paulo-SP, a empresa atua, principalmente, no mercado B2B de alimentos resfriados e congelados, com marcas como Nacho Loco, Talia, Piõ Dolce, Pasttaa, Tiisco e Forneria Di Casa.

Zootec	Setor	Descrição da companhia
ZOOTEC SUPLEMENTAÇÃO ANIMAL	Varejo de Insumos Agropecuários	Fundada em 1983, a empresa atua em nutrição animal, fornecendo produtos e suporte técnico para bovinos, suínos, aves e peixes. Opera nos estados de MT, MS, SP e MG, com localização estratégica na BR-163, em Rondonópolis-MT.

Genesis	Setor	Descrição da companhia
	Serviços	Fundada em 2001, o Genesis Group possui foco nas áreas de certificação e testagem de grãos, auditoria de boas práticas agropecuárias, monitoramento a campo, inspeção e supervisão de embarques nas cadeias produtivas de grãos, leite e carne bovina.

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

Produtor 1	Setor	Descrição da companhia
	Produtor PF - Agrícola	Empresário e agropecuarista, o produtor tem atuação no Paraná, Mato Grosso e MATOPIBA, com foco na produção de soja, milho, trigo e pecuária.

Produtor 2	Setor	Descrição da companhia
	Produtor PF - Agrícola	Produtor rural dedicado ao cultivo de soja e algodão na região de São Desidério-BA.

Produtor 3	Setor	Descrição da companhia
	Produtor PF - Agropecuária	Produtor rural com foco no cultivo de soja, milho e pecuária de cria, recria e engorda, no estado do Mato Grosso.

Produtor 4	Setor	Descrição da companhia
	Produtor PF - Pecuária	Produtor rural especializado em pecuária de cria e recria, localizado na região de Rondonópolis-MT.

Produtor 5	Setor	Descrição da companhia
	Produtor PF - Agropecuária	Produtor rural com foco no cultivo de soja e milho no estado do Mato Grosso

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

Produtor 6	Setor	Descrição da companhia
	Produtor PJ - Agrícola	Empresa produtora agrícola com foco no cultivo de soja, milho, sorgo e pecuária com atuação na região do Maranhão.

FIDC MAV	Setor	Descrição da companhia
MAV. CAPITAL	Cotas de fundo	Fundo de investimento em direitos creditórios na cadeia do agronegócio, gerido pela MAV Capital, voltado a financiar e impulsionar a cadeia produtiva do setor.

FII Logística Cadeia do Agro	Setor	Descrição da companhia
KIJANI investimentos	Cotas de fundo	Fundo imobiliário da cadeia logística do agronegócio, focado em investir em ativos reais de armazenagem e logística no interior do Brasil. O fundo é gerido pela Kijani Investimentos.

Ubyfol	Setor	Descrição da companhia
UBYFOL® Excelência em Nutrição Vegetal	Indústria de Insumos Agrícolas	Fundada em 1985, a Ubyfol atua no ramo de nutrição vegetal, com presença nas cadeias produtivas de soja, milho e cana-de-açúcar.

FIDC Desenvolve SP	Setor	Descrição da companhia
DESENVOLVE SP A AGÊNCIA DO EMPREENDEDOR	Cotas de fundo	Fundo de Investimento em Direito Creditórios com atuação na cadeia logística do agronegócio, com foco em armazenagem e logística.

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

FIDC AgroJive	Setor	Descrição da companhia
Jive Mauá	Cotas de fundo	Fundo de Investimento em direitos creditórios da cadeia do agronegócio, estruturado no formato monocedente e multisacado, sob gestão da JiveMauá.

FIDC Insumos	Setor	Descrição da companhia
ecoagro	Cotas de fundo	Fundo de investimento em recebíveis estruturado no formato multicedente e multisacado, direcionado a revendas e distribuidores de insumos agrícolas, sob gestão da Ecoagro.

EXAG FIAGRO-FIDC	Setor	Descrição da companhia
EXA CAPITAL	Cotas de fundo	Fundo de investimento em direitos creditórios na cadeia do agronegócio, gerido pela Exa Capital, voltado a financiar e impulsionar a cadeia produtiva do setor.

Copersucar	Setor	Descrição da companhia
copersucar	Açúcar e Etanol	Fundada em 1959, a Copersucar é uma das principais plataformas globais de comercialização e logística do setor sucroenergético. Sediada em São Paulo (SP), a companhia atua de forma integrada na originação, armazenagem, transporte e comercialização de açúcar, etanol e energia renovável.

Brasil Agro	Setor	Descrição da companhia
brasilagro	Produtor PJ - Agropecuária	Fundada em 2005, a BrasilAgro atua na aquisição, desenvolvimento, exploração e comercialização de propriedades rurais, combinando a geração de receita operacional com ganhos de capital decorrentes da valorização e do desinvestimento de fazendas. A companhia possui um portfólio diversificado, com operações em soja, milho, cana-de-açúcar, algodão e pecuária.

DISCLAIMER

As informações aqui apresentadas são de cunho meramente ilustrativo e foram construídas com base em informações públicas e relatórios de fontes confiáveis. Os comentários aqui presentes não devem ser tomados como recomendações de investimento. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. O histórico de rentabilidade não é garantia de rentabilidade futura. Para avaliação de performance de um fundo de investimento é recomendável a análise de, no mínimo, 12 (doze meses). Antes de qualquer decisão de investimento se recomenda ao investidor a leitura cuidadosa do formulário de referência, prospecto e regulamento do fundo. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.

Esse material é de uso exclusivo da Kijani Gestora de Recursos Ltda. e não pode ser reproduzido sem aprovação prévia

NOME DO FUNDO

KIJANI ASATALA FIAGRO-IMOBILIARIO FUNDO DE INVESTIMENTO NAS CADEIAS PRODUTIVAS AGROINDUSTRIAIS

CNPJ

40.265.671/0001-07

ADMINISTRADOR

BANCO DAYCOVAL S.A.

Autorregulação ANBIMA
Gestão de Recursos